

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ROTEIRO DE ATIVIDADES

1ª SÉRIE

4º BIMESTRE

AUTORIA

MARCILEA DIAS DE SA PAIVA LIMA

Rio de Janeiro

2012

TEXTO GERADOR I

Leia a reportagem a seguir.

QUEM RECOLHE O SEU LIXO

A rotina diária da coleta de lixo em uma grande cidade, como São Paulo, não é simples. Para piorar, falta conscientização, e muitas pessoas ainda descartam o lixo de forma irregular.

De um pátio na zona leste de São Paulo, os caminhões partem para a coleta de lixo da maior cidade do país. Pedro Escudeiro, coordenador de operações da Loga, uma das duas concessionárias que trabalham com coleta de lixo na cidade de São Paulo, está no escritório para acompanhar a saída das equipes da garagem.

Ao mesmo tempo, Escudeiro briga para resolver um problema provocado pelo recorrente descarte inadequado do lixo: um grupo que trabalhava na madrugada encontrou lixo hospitalar misturado com lixo doméstico no material descartado por um hospital. A lei especifica que esse tipo de lixo não pode ser misturado com o comum. O material hospitalar é chamado de infectante, pode provocar doenças. E agulhas e seringas são um perigo. Escudeiro faz ligações, aciona a Limpurb, departamento da prefeitura de São Paulo responsável pelo lixo da cidade (...).

No pátio, as equipes estão reunidas para iniciar a viagem do caminhão. A primeira pergunta para pegar carona na rotina desses trabalhadores é esclarecer o nome certo da profissão: lixeiro ou gari. “Quem faz o pão? O padeiro. Quem faz o sapato? O sapateiro. Agora, quem faz o lixo?”, questionam. Não é o lixeiro, evidentemente. Quem faz o lixo somos todos nós. Portanto, é um dia de trabalho dos coletores de lixo que Época vai acompanhar.

O roteiro é simples: seguir o lixo. Mas é complicado seguir qualquer coisa no trânsito de São Paulo. Mesmo em um bairro de ruas tranquilas, motoristas mostram impaciência com o caminhão: a velocidade média dos caminhões de lixo durante a coleta é de 8 km/h, e é comum os coletores escutarem buzinas enquanto trabalham. Mas o principal risco para a saúde do trabalhador é manusear material descartado inadequadamente. “As pessoas

poderiam ajudar mais. Ainda tem pessoas que descartam seringas, descartam vidro, de maneira inadequada”, diz o coletor Antonio Urbano Marques Silva. (...)

Enquanto partíamos para conhecer o aterro, o coordenador da Loga, Pedro Escudeiro, recebe uma ligação em seu celular. Era da prefeitura. A Limpurb havia registrado a ocorrência de lixo hospitalar misturado com o lixo comum naquele hospital, e aplicara três multas de R\$ 1000. “Eles colocam os garis em risco de contaminação e tudo que acontece é uma multa de R\$ 1000”, diz. O problema do lixo nas cidades brasileiras tem solução, com projetos ambientais, reciclagem e respeito à coleta. Mas antes é preciso entender que o lixo é de fato um problema de todos os cidadãos. Não apenas o munícipe deve aprender a descartar seu lixo corretamente, assim como empresas e hospitais precisam enxergar o perigo de descartar o lixo de forma errada.

CALIXTO, Bruno. “Quem recolhe o seu lixo”. *Época*. Disponível em:
<<http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/o-caminho-do-lixo/noticia/2012/01/quem-recolhe-o-seu-lixo.html>>.

Acesso em: 15 out. 2012.

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 1

A reportagem apresenta, além de informações sobre a rotina dos coletores de lixo, alguns exemplos das principais dificuldades que eles encontram durante uma jornada de trabalho. Extraia do texto um desses exemplos e comente sua importância para a construção da reportagem.

Habilidade trabalhada

Reconhecer características estruturais de uma reportagem: manchete, leade corpo do texto.

Resposta comentada

Professor, vale destacar, com este exercício, a importância dos exemplos para o gênero reportagem; por meio deles, o leitor conhece mais de perto e de maneira mais concreta os temas tratados por esse gênero textual. Neste caso, o importante é que os alunos concluam que os coletores de lixo acabam encontrando, por exemplo, material hospitalar descartado inadequadamente; tal fato gera um perigo não só para os coletores, mas também para a população em geral. Os coletores têm de enfrentar o trânsito da cidade e a falta de paciência dos demais motoristas, já que a velocidade dos caminhões de coleta é de aproximadamente 8 km/h; esses fatos acabam dificultando um pouco seu trabalho.

TEXTO GERADOR II

A entrevista analisada demonstra um pouco da história da festa na cidade de Paraty, do ponto de vista do pesquisador, bem como indica o livro “Manual do Festeiro do Divino” para os futuros pretendentes a assumir o cargo de festeiro do Divino. Observa-se no recorte do corpus que a entrevistadora questiona no início da entrevista a necessidade do manual.

***Nena Gama:** Por que você achou necessário e importante escrever este livro ? Manual do Festeiro do Divino?*

***Diuner Mello:** Ultimamente a gente tem visto que os festeiros não estão entendendo muito das coisas da Festa do Divino. Certos detalhes que, às vezes, podem passar despercebidos mas são importantes na tradição da festa. E eu não sei se pela não formação religiosa desse pessoal, ou mesmo até pela não frequência à Igreja dos últimos festeiros. Também tem isso. A gente tem visto que muitas coisas importantes deixam de ser feitas e estão acrescentando coisas que não tem nada a ver. Aliás que não se justificam. O livro tem duas intenções: primeiro, realmente ensinar alguém que queira fazer uma festa direito, como ela era e segundo, é uma forma de preservar como aconteceu, porque pode ser que daqui pra frente não aconteça mais dessa forma. Eu estou tendo, inclusive, um cuidado de registrar fatos, versos, receitas de doces, receitas e outras coisas, dando nome e autoria. Porque Paraty tem muito disso, muita coisa aconteceu, muita coisa acontece, preservado por uma*

série de pessoas e que acaba não tendo o nome conhecido. Com o passar dos anos os fatos continuam e as pessoas desaparecem. Um exemplo mais simples que eu posso dar é, no caso, a própria decoração da igreja. Você tem um grupo, de mulheres que trabalham aquilo e que não são reconhecidas. Então, não custa citar que a decoração da igreja, nos últimos anos, ficou à cargo de fulana, fulana e fulana. Que nada pode ser feito sem consultá-las nesse sentido, porque têm uma noção, inclusive, que podemos chamar de tradição, mesmo que seja curta, de 15 de 20 anos. E os novos que estão entrando na equipe dessas senhoras, de decoração, estão aprendendo também. Pouco importa se o material é novo ou se a técnica utilizada é nova, mas pelo menos, a informação vinda através de uma tradição elas têm.

Nena Gama: *Na época a qual você se refere deveria haver muitas pessoas interessadas se candidatando, ao contrário do que acontece hoje. Porque ninguém mais quer ser festeiro...*

Diuner Mello: *É, as coisas mudam. Mas o sorteio, em alguns lugares, ainda é feito durante a missa. Quer dizer, é um sorteio. O Festeiro sai do meio do povo. Como você falou, o meu pai foi Festeiro algumas vezes, então comecei a entender a festa. E quando assisti a outras, descobri que há muitas semelhanças e me assustei, porque o Brasil é um país continental. De repente eu vi que a festa de São Luiz do Maranhão tem elementos semelhantes aos da festa de Paraty, aos da festa de São Luis do Paraitinga, da festa de Goiás, da festa de Diamantina, gente! É diferente de Portugal, que é um ovo, onde são quilômetros para lá e quilômetros para cá e a festa se mantém igual. Mas no Brasil continental, como isso se preserva? Então, partindo desse princípio, eu também comecei a fazer comparativos para buscar alguns elementos existentes em cada festa. Pelo menos nessas marcantes, como é o caso de São Luis do Paraitinga e Diamantina, que têm uma fama muito grande, Pirenópolis, São Luiz do Maranhão e Alcântara. Mesmo quando eu não assisti à festa eu acabei fazendo pesquisa através de documentários ou livros. Pode até parecer brincadeira, mas uma das coisas que me assustou é que o típico em todas elas, não sei porquê cargas d'água, é servir bolinho de arroz na alvorada da festa.*

Nena Gama: *Fale sobre a origem da festa. Como ela chegou até nós?*

Diuner Mello: *A Festa do Divino chegou com os primeiros colonizadores, dentro do barco mesmo. E a prova disso é que a gente tem descrição de Festas do Divino que aconteciam dentro dos navios em direção à Índia ou à África. E o interessante é que, assim: como a festa aconteceria durante a viagem, eles já levavam cetro, coroa, manto, tudo, já iam prevenidos para ter. Em 1561, há uma descrição assim: “Dia de Espírito Santo se fez muito solene festa em nossa nau, porque costumam, como honra de tal dia, eleger um Imperador na nau, ao qual servem todos os capitães e os demais por todo aquele dia. Estava a nau toda enfeitada, embandeirada, toldada de guardamessins muito frescos com um dossel de tafetá azul, onde o Imperador tinha a cadeira. À hora da véspera, vésperas de canto de órgão, porque na nossa nau havia quem o sabia fazer e bem, assim também, cumprindo meu ofício, tive de coroar o Imperador. O capitão dizia que aquilo se fazia para engrandecer a Festa do Espírito Santo e por devoção. E assim não havia por que recusar. Depois de dizer missa cantada, fiz prédica ao Imperador, empossado com toda a sua corte, a gente, ao que parece, ficou contente. Deu-se mesa franca à toda a nau, a qual estava vestida como na corte de sua majestade.” Outra carta que, passado o tempo, o que se tem é que se está em Paraty: “1583 - Viagem para Goa: Na viagem elegeram um menino para Imperador na vigília de Pentecostes, no meio de grande aparato. Vestiram-no depois ricamente, puseram-lhe na cabeça coroa imperial. Escolheram também fidalgos para seus criados e oficiais de ordens, de modo que o capitão foi nomeado mordomo da sua casa. Outro fidalgo foi nomeado copeiro, enfim cada um com seu ofício à disposição do Imperador. Entraram nisto até os oficiais da nau, o mestre, o piloto, etc.. Depois, no dia de Pentecostes, ou Páscoa do Espírito Santo, trajando todos a primor, fez-se um altar na proa da nau por ali haver mais espaço, com belos panos e prataria. Levaram, então, o Imperador à missa, ao som de música, tambores e festas, e ali ficou sentado numa cadeira de veludo com almofadas, de coroa na cabeça e cetro na mão, cercado pela respectiva corte, ouvindo-se entretanto as salvas de artilharia durante a missa. A seguir veio o banquete, em que os fidalgos serviram o Imperador, apesar dele não pertencer à nobreza. E também o serviram o copeiro, o trinchante, etc... Comeram depois os cortesãos e o Imperador e, por fim, serviram toda a gente ali embarcada, à volta de 300 pessoas.”*

Nena Gama: *Você sente que há algo mudando na tradição da festa?*

Diuner Mello: *A gente precisa ter muito cuidado com a expressão? mudança? A Festa do Divino tem uma linha central, mestra. Vamos dizer que é a questão da figura do Imperador; a distribuição de comida, a festa em si é povo e religião, profana e religião. Agora, na parte religiosa, muda o conceito da própria Igreja, uma mudança de liturgia. Muda-se do latim para o português, muda na participação dos fiéis que hoje ela é mais intensa do que antigamente, na própria celebração, na parte profana também. Vou dar um exemplo lógico... Paraty tinha cavalhada na Festa do Divino e deixamos de ter. Por quê? Deixamos de ter porque Paraty deixou de criar cavalos. Nós tínhamos cavalhada num tempo, acredito que até os séculos 18 e 19, devido ao grande número de tropas e de fazendas com criação de cavalo. Passado isso, deixou de existir a coisa. Talvez em Cunha exista a cavalhada como a de São Luis do Paraitinga, com muito mais razão, pois é uma área mais rural e dedicada, exatamente, à pecuária e à criação de gado. Paraty deixou de ter essa função, então se perdeu isso. Hoje, seria válido recuperar? Não sei, tenho minhas dúvidas. Tenho minhas dúvidas porque não seria uma coisa espontânea. Então é preferível deixar que em Pirenópolis aconteça, em São Luis do Paraitinga aconteça e que aqui a gente mantenha aquelas coisas que a gente manteve e que, por exemplo, nos outros lugares se perdeu. Agora, que também na parte profana haja por exemplo a presença de escola de samba, por que não? A função da parte profana é exatamente animar, divertir a festa, divertir o povo ou retribuir o povo do trabalho dele ou da contribuição que ele deu em dinheiro. Então eu acho que a gente tem que ter um tempo, um espaço. Nós temos hoje, ciranda; a ciranda é uma coisa nossa, então se ela continua a existir, vamos ver a ciranda. Aquilo que deixou de existir, que não há como recuperar é preferível não recuperar. Agora, o problema sério atual é que a festa está ficando cada vez mais onerosa. O Festeiro é um festeiro da Igreja para fazer uma festa religiosa. E enquanto a comunidade era pequena e a festa se restringia ao povo de Paraty, nós tínhamos uma obrigação menor. O Festeiro, hoje, encara uma obrigação com um público muito grande. Paraty cresceu. Vamos colocar 30 mil pessoas em Paraty. Além disso você coloca mais 15 de fora, 45 mil pessoas aqui... O Festeiro tem essa obrigação com a parte religiosa, com a parte de comida, com a parte de brincadeira, com a decoração de igreja,*

com a decoração de rua, ou seja, os encargos estão se somando nas costas dele. Eu acho que hoje, pelo próprio conceito da participação ou da parceria, vamos colocar o que mais se fala hoje em dia: a Prefeitura tinha que ser parceira do Festeiro em muitas coisas. Por exemplo, na parte de brincadeiras, jogos, ativação noturna e recreação, a Prefeitura deveria assumir isso como encargo e função própria, inerente dela. Mas não só a realização, como inclusive o pagamento de. Assumir a recreação no sábado, das crianças, porque perdeu muito. Sábado era um dia dedicado às crianças e não existe mais. E a decoração da cidade também compete, deve competir à Prefeitura. O Festeiro então ficaria já com os encargos mil, que é fazer a festa em si, angariar dinheiro, fazer a parte religiosa, fazer o almoço, fazer doces, organizar toda a questão do Imperador, que hoje está também colado nas costas do festeiro. Porque tradicionalmente, o Imperador era uma figura rica, que fazia os últimos dias da festa, os últimos dias eram dele, a coroação dele. Então, a distribuição de doces, a festa do domingo, era por conta do Imperador. Hoje, Imperador e Festeiro são a mesma coisa. O Imperador é filho do Festeiro, é sobrinho do Festeiro, é parente do Festeiro. Daí o Festeiro veste, arruma, ele é que faz os doces, então eu acho que hoje a festa está mudando, pode mudar..

Nena Gama: *Esses que estão aqui são brasileiros?*

Diuner Mello: Brasileiros, então eles conhecem festas, eles entendem o viver do brasileiro e até como a religiosidade do brasileiro se expressa, que é diferente da religiosidade do europeu, que era o caso do Padre João, do Padre Henrique, de todos os últimos que nós tivemos nos últimos dez, quinze anos, por aí. Então a minha esperança, pelo menos a conversa que eu tive com os padres, com o pároco atual, é isso, é que eles juntem, quer dizer, a igreja junto com a prefeitura definam funções para, inclusive desonerar o festeiro. Pelo seguinte, porque o comércio já entendeu isso há muito tempo. Porque quem faz essa festa são os comerciantes, é o povo que dá, que dá alimento, que dá refeição, que dá isso, que dá aquilo...

Nena Gama: *Cabe a eles a organização das coisas, não é isso?*

Diuner Mello: *Exato, então, no caso, é a igreja sentar com a prefeitura e definir.*

Definir e estruturar. Porque da parte da igreja a festa pode continuar existindo com procissão de bandeiras , coroação de imperador... e o resto? a parte profana a quem cabe? Quer dizer, eu acho que a prefeitura tem que assumir esta parte de qualquer jeito em razão da tradição, em razão da cultura local e principalmente a razão do turismo, que é fonte de renda do município.

Nena Gama: *Você poderia me dar uma definição do que representa a Festa do Divino pro povo paratiense?*

Diuner Mello: *Olha, bem, eu, é terrível dizer isso mas eu não creio em quase nada. Agora, o que eu acho que as maiores expressões de fé que eu já assistí na minha vida foram de gente simples, primeiro, aliás, quanto mais simples, mais fé, né? mais força. Na festa do divino e em Santiago de Compostela foram as únicas vezes que eu vi expressão de fé e senti inveja de não acreditar. Mas você vê a fé do povo em carregar uma bandeira, em se sacrificar, porque, às vezes, são pessoas já idosas, ou mesmo com problemas para andar, aí que andam quilômetros para lá, quilômetros para cá durante nove dias caminhando, carregando bandeira, são pessoas que fazem trabalhos humildes de lavar, varrer, limpar, gente que não aparece, não é nem para aparecer mesmo e são em pagamentos de promessas. Há um caso que agora me lembro, essa história da soltura do preso, né? Uma vez a gente teve um homem que fez uma promessa de ser o preso para ser libertado na festa do divino. Tudo bem, era um preso falso, ele poderia só aparecer na hora da festa e ser solto. Absolutamente. Ele fez questão de ir para a cadeia na noite anterior, dormir lá para ser solto no dia seguinte. A sensação de estar preso, de fato, realmente, não simplesmente uma cenografia. Bem, e eu perguntei por que a esquizitisse. Ele disse que era uma promessa, era um ato de fé, ele tinha recebido uma graça do espírito santo e tinha que pagar o compromisso que ele assumiu. Gente isso é impressionante, você vê isso o tempo inteiro. Nos dez dias de festa você vê manifestação de fé, da mais pura, mais simples, a mais genuína e comovente.*

Leia mais em: <http://www.webartigos.com/artigos/observacoes-do-genero-entrevista/64368/#ixzz2CQjIL91X>

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 2

Sabemos que a palavra *discurso* pode ser usada de maneira mais ampla, referindo-se não só à fala, ao conjunto de frases ou raciocínio, mas também a tudo o que motivou uma situação de comunicação. Assim sendo, uma mesma frase pode ser motivada por causas diferentes e pode visar resultados diferentes no interlocutor. É por isso que é tão importante estudarmos o discurso e analisarmos as causas e finalidades que ele carrega. Sendo assim, responda: na entrevista prevalece o discurso indireto e indireto livre:

Habilidade trabalhada

Reconhecer as formas de reportar uma fala pelo uso dos discursos direto, indireto e indireto livre.

Resposta comentada

Professor, discuta oralmente as respostas dadas pelos alunos, de forma a garantir que eles compreendam o discurso direto como aquele no qual a fala de alguém é reproduzida exatamente como foi dita, usando-se dois pontos, travessão ou aspas. E que o indireto é a retomada da fala de outra pessoa sem total fidelidade ao que foi dito mudando-se os verbos e a pessoa do discurso.

Em seguida, peça que eles transformem os discursos diretos da tabela adiante em indiretos; e os indiretos em diretos:

TEMPOS VERBAIS	DIRETO	INDIRETO
Verbo no presente do indicativo:	-Não bebo dessa água - afirmou a menina.	-A menina afirmou que não bebia daquela água.

	- O garoto chega tarde todos os dias.	
Verbo no pretérito imperfeito do indicativo:	- Perdi meu guarda-chuva - disse ele.	Ele disse que tinha perdido seu guarda-chuva.
		Minha mãe disse que não tinha mais confiança em mim.
Verbo no futuro do indicativo:	- Irei ao jogo.	Ele afirmou que iria ao jogo.
	- Viajaremos semana que vem.	
Verbo no imperativo:	- Aplaudam! Ordenou o diretor.	O diretor ordenou que aplaudíssemos
	- Me ajudem! Pediu a garota desesperada.	
		O professor mandou que eu me retirasse.

Os verbos podem variar dentro do mesmo campo semântico nas respostas dos alunos. Para finalizar esta aula, assista com eles e discuta o vídeo sobre os tipos de discurso disponível em:

QUESTÃO 3

Observe a primeira resposta dada pelo entrevistado, Diuner Mello, à pergunta: Por que você achou necessário e importante escrever este livro? Manual do Festeiro do Divino? E retire uma frase em que apareça a presença do sujeito agente.

Habilidade trabalhada

Reconhecer os efeitos de sentido gerados pela escolha do sujeito como agente ou paciente.

Resposta comentada

Vale, antes de iniciar o exercício, revisar com os alunos Vozes verbais. Voz do verbo é a maneira como se apresenta o verbo em relação ao sujeito. Se ele é agente ou paciente da ação verbal. São três as vozes do verbo:

1. **Voz ativa** – quando o sujeito pratica a ação do verbo, isto é, ele é agente da ação verbal.

Voz passiva – quando o sujeito sofre a ação do verbo, isto é, ele é o paciente da ação verbal.

Nem sempre o agente da passiva está explícito na frase.

Assim, temos alguns exemplos, do texto, que comprovam a escolha pelo sujeito agente:

Ultimamente *a gente tem visto que os festeiros não estão entendendo muito das coisas da Festa do Divino*, ou outro exemplo que demonstra a estrutura da voz ativa: suj.agente +vtd+od.

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL



Este ano, comemora-se o centenário de um dos maiores compositores e intérpretes da nossa MPB: Luiz Gonzaga, que completaria 100 anos no dia 13 de dezembro. Várias músicas, causos, esquetes etc, foram escritas e constam no site oficial do cantor: ***www.luizluagonzaga.com.br*** para que você amplie seus conhecimentos e valorize esse artista tão importante para nosso país.

Proposta

Em dupla com um colega, prepare uma entrevista para realizar com alguém que vocês conheçam e que tenham alguma semelhança com Luiz Gonzaga: naturalidade, gosto musical, habilidade com a sanfona, culinária e etc., propondo uma reflexão sobre sua vida e relevância para nossa história;

Siga as seguintes instruções:

- Busquem informações com amigos ou mesmo na própria escola como, por exemplo, um professor, um responsável ou uma pessoa que conheça alguém assim.
- Seleccionem e organizem as perguntas de maneira que as respostas diferenciem das perguntas.
- Escrevam a entrevista, considerando as características do gênero.
- Utilize perguntas como: a) Onde você nasceu? b) como você veio parar neste município? c) O que você sabe sobre Luiz Gonzaga? d) Em que vocês se assemelham?

Habilidade trabalhada

Produzir roteiro para uma entrevista editando-a depois para publicação em jornal mural ou blog

Resposta comentada

Luiz Gonzaga, o Rei do Baião (1912 – 1989)



Luiz Gonzaga do Nascimento nasceu no dia 13 de dezembro de 1912, na Fazenda Caiçara, povoado do Araripe à 12km de Exu, filho de Januário José dos Santos e Ana Batista de Jesus (Mãe Santana). Foi batizado na matriz de Exu no dia 05 de janeiro de 1913, cuja celebração batismal, foi realizada pelo Pe. José Fernandes de Medeiros. Desde sua infância o pequeno Gonzaga namorava o fole de oito baixos, instrumento este, executado por “*Pai Januário*” no qual começou seus primeiros acordes. “*Luiz de Januário*” como era conhecido na infância, aos 8 anos de idade substituiu um sanfoneiro que falhou no trato em festa tradicional no terreiro de Miguelzinho na Fazenda Caiçara, no Araripe, Exu, a pedido de amigos do pai. Naquela noite o pequeno Lula deleitava-se tocando e cantando a noite inteira, e pensava na possibilidade de Dona Santana deixar ele tocar mais vezes. Luiz Gonzaga tocava feliz porque era a primeira noite que tocava com a permissão de “*Mãe Santana*”. Naquela noite ele recebeu pela primeira vez o cachê de 20.000 réis. Luiz Gonzaga recorda as palavras de Dona Santana que pareciam ter uma esperança de tocar com sua permissão: “*Luiz! Isso é gente pra tocar em dança? (...) E se o sono der nele pru lá?*” Luiz Gonzaga ia crescendo, com sua simpatia e esperteza conseguiu agradar Sinhô Aires, passando a ser o garoto de confiança do Cel. Sua primeira sanfona era de marca “*veado*” comprada na loja de Seu Adolfo em Ouricori, Pernambuco, com a fiança do Cel. Manuel Aires de Alencar, o Sinhô Aires, custando 120.000 réis.

Além da pesquisa a ser feita, há de esclarecer aos alunos que uma entrevista pode impulsionar ou detonar uma matéria. A forma de entrevistar é uma questão complicada para repórteres, que precisam lidar com pessoas, muitas vezes complicadas. Por isso, há de se

pensar bem ao que vai ser perguntado. Isso sem esquecer o medo: muitos repórteres nunca passaram por um treinamento para aprender a falar com a mídia (media training) e receiam que sua reputação seja prejudicada pela cobertura da imprensa, por isso acham as entrevistas muito assustadoras. Não perca de vista o público-alvo principal da entrevista: um leitor, espectador ou ouvinte interessado e curioso. Preparar-se é importante, mas nem sempre possível. Como formular questões se você não sabe nada sobre o assunto? Como convencer uma pessoa, às vezes, ocupada e estressada a arranjar tempo para uma conversa? Como fazer com que um estranho fale com você como se fossem velhos amigos? E se suas anotações não traduzirem de forma precisa o que foi dito? Essas são questões importantes de se pensar.